

Inconsciente e Pulsão

Na sequência, será discutida a variação do conceito de inconsciente, no conjunto da teoria, dependendo do contexto em que ele é trazido à cena discursiva da psicanálise.

O recorte que fazemos nem sempre coincide com os comentários habituais a respeito da teoria psicanalítica sobre o tema. A ideia é, de início, declarar que um conceito de inconsciente vai se construindo e delineando em diferentes formas conforme o contexto da produção da própria psicanálise. De tal maneira que se poderia falar que não há um inconsciente apenas em Freud, muito embora tenha sido creditado, historicamente, o dos escritos metapsicológicos da década de 1910.

Nosso recorte nos permite pensar que, conforme a propositura do autor, há uma ênfase ora num *inconsciente como função* (modo de funcionamento psíquico), e ora num inconsciente *como conteúdo ou sistema*. A insistência nessa distinção, claro que admitindo um solo comum entre ambas as concepções, deve-se ao fato de nosso recorte destacar a possibilidade de operar com o termo, para pensar numa psicologia do desenvolvimento que privilegie os mecanismos de produção de memórias e de seu desvendamento analítico. De nossa parte, há, com isso, esforço no sentido de garantir uma espécie de desubstancialização do conceito. E, nesse sentido, no capítulo anterior, apresentamos o modo como os sonhos, da produção onírica à produção analítica,

pode ser tratado como mecanismo/funcionamento. Buscaremos demonstrar, ainda o mesmo movimento, nos textos *Introdução ao Narcisismo* (Freud, 1925/1976a), *O Estranho* (Freud, 1919/1976) e, *Bloco Mágico* (Freud, 1925/1976). Mesmo os conceitos de transferência, repressão e resistência podem ganhar as tensões típicas desse caráter móvel das operações inconscientes. No entanto, quanto mais nos aproximamos do âmbito dos conteúdos reprimidos e recalcados, mais identificamos o inconsciente como “algo” e, melhor, como “algo relativamente estático” que, como um núcleo de experiências infantis, assim se mantém e volta sempre a incomodar, sem alterações significativas e retroativas das experiências de vida que se seguem aos vínculos com as figuras parentais.

Falamos, aqui, de forma bastante esquemática. E não poderia ser diferente para as finalidades de um livro como este, sobre desenvolvimento afetivo a partir da psicanálise de Freud. O importante é marcar que esta meada que estamos desfiando tem a cara dos recortes que fazemos, das perspectivas que temos ao ler ou pensar uma determinada teoria sobre um objeto.

Detalhemos.

O inconsciente como representante da pulsão

De certo modo, há uma relação constitutiva entre os termos inconsciente/representação/pulsão, para que as coisas se passem desse jeito no plano das teorias sobre o inconsciente.

A concepção mais nuclear, nesse sentido, é a do *inconsciente como representante da pulsão*. Pode-se depreendê-la das mais diferentes construções freudianas a respeito do tema, em diferentes e importantes contextos de sua obra. Como dissemos anteriormente, os textos *O inconsciente* e *O instinto e suas vicissitudes*, ambos de 1915, dão o escopo metapsicológico dessa definição. E implica, imediatamente, a psicanálise no seio das representações. Tanto que essa trilogia (inconsciente/pulsão/representação) vai sustentar o edifício psicanalítico, desde a interpretação dos sonhos, inclusive como método, tendo como regra de ouro a associação livre. Tanto ainda que, ao postular a pulsão

de morte como originária e não-representável, no *Além do Princípio do Prazer* (Freud, 1920/2010a), é perceptível o cuidado que o autor tem para postular também o funcionamento psíquico de descarga de tensão no meio, sempre por uma mescla das pulsões de vida e de morte; qualquer dissociação grave nesse processo deixa a ação da morte livre no interior do organismo, o que seria fatal.

Por isso, a representação deveria ser pensada como a única possibilidade de falar em inconsciente a partir das teorias das pulsões.

Para o entendimento dessas implicações todas, serão didaticamente expostos no presente capítulo deste nosso livro a respeito do desenvolvimento afetivo em Freud:

- O conceito de pulsão.
- As duas teorias da pulsão.
- A pulsão de morte teorizada em 1920.
- Pulsão de vida e mescla das pulsões.

O conceito de pulsão data de o *Instintos e suas Vicissitudes* (Freud, 1915/1976). E lá, surge como um estímulo que nasce no interior do organismo, causa tensão interna e busca descarga fora, no meio ambiente, por meio de um comportamento que alivia essa tensão. Esse comportamento, em princípio, é o que permite um investimento da energia libido em objetos, que por sua vez não são parte da pulsão; são apresentados pelo mundo como alvo da catexia. E, mediante esse movimento, produz-se um representante psíquico, ponta de lança da pulsão. Os afetos envolvidos nesse processo também se representam e são a possibilidade de vida psíquica, para além do nascedouro orgânico de todo o processo.

O caráter psicológico da pulsão é o das representações, em princípio. Elas é que constituirão o mundo interno das pessoas: os objetos-alvo da catexia são introjetados e, inelutavelmente, passam a ser a única realidade possível para cada um de nós (os “fatos psíquicos”). Desdobra-se em várias tramas cênicas, até a do Complexo de Édipo, com suas fantasias, sentimentos, represões e identificações. A pensar com Freud, é este o drama afetivo que responde

pelo desfecho da organização genital infantil bem como pelos quadros de neurose/psicose e perversão, como mais à frente explicaremos.

É importante ainda afirmar que o movimento da pulsão se dá pelo princípio do prazer, em primeira e última instância. É ao prazer que visaria seu exercício. O princípio da realidade vai ter existência, na medida em que se dão os confrontos com os objetos e coisas do mundo externo. Frustrações e satisfações, bem como a diferenciação de funções egoicas. Embora estejamos, no momento da escritura desse *Os instintos e suas...*, ainda na primeira tópica do aparelho psíquico (Inconsciente/Pré-consciente/Consciente, como veremos no capítulo específico desse tema), podemos entrever as atribuições de contato com o mundo, que caracterizam o Ego da segunda tópica, num equilíbrio de forças e controles com o Meio Ambiente, o Id e o Superego.

É importante ainda mencionar que, até 1920, Freud pensava com a primeira teoria dele sobre as pulsões. Seguem-se algumas palavras de digressão a respeito.

A rigor e ao entender dos comentadores, pode-se dizer que *há duas teorias da pulsão*.

A *primeira teoria* é aquela que divide as pulsões entre sexuais e de autoconservação. A energia que as caracteriza é a libido, seja lá o que for essa energia, uma definição pouco esclarecida na época e que foi, mais tarde apresentada como tudo o que leva à aproximação. De natureza erótica, desde suas primeiras manifestações no corpo, como atividade autoerótica (como mais demoradamente trataremos no capítulo dedicado ao desenvolvimento da psicosexualidade), até as escolhas objetais e identificações que paulatinamente vão se constituindo. Os cuidados diários oferecidos à criança, como a alimentação e a proteção diante de perigos reais, por exemplo, são a ocasião das catexias libidinais nos objetos primários de vínculo afetivo. São funções egóicas as que respondem por esse suporte à libido propriamente dita. Por isso são chamadas de pulsões de autoconservação do ego. Sua caracterização como libido é a inferência básica para assegurar que eros e libido são vida. E a sexualidade aqui não tem os alvos diretos que passamos a reconhecer no final da primeira infância.

A *segunda teoria* marca uma verdadeira revolução nos propósitos da própria psicanálise, no plano da metapsicologia e da clínica. É a divisão entre *pulsão de vida* (que agrupa a divisão anterior entre pulsão sexual e de auto-conservação) e *pulsão de morte*, teorizada em 1920. Dedicuemo-nos, a partir de agora, a tratar do assunto.

Em 1920, Freud escreve o *Além do Princípio do Prazer* (Freud, 1920/2010a). Parte de observações *acerca* do comportamento de uma criança que, reiteradamente, “brincava” com um carretel, remetendo-o à distância e puxando-o de volta, enquanto pronunciava as palavras *fort da*; numa espécie de jogo que repetia a saída e o retorno da mãe. Seguem-se comentários *sobre sonhos e neuroses traumáticas*. Com as três situações parece munir-se, em princípio, de “evidências” psicológicas do mecanismo compulsivo de repetição de experiências que *não se prestavam à satisfação e ao prazer* (portanto não agiam pelo princípio do prazer). Imagens acompanham o desencadear de gestos, mas tudo se repete num “sem sentido”, o da própria compulsão a repetir o desagradável.

Na sequência, no mesmo texto, busca argumentar, com base nos estudos biológicos da época, que o próprio organismo funciona para vida e para a morte por diferenciação de tipos de células. Uma heresia para o discurso científico, tal raciocínio foi garantido por Freud, pela teorização de *princípio tão originário quanto o da pulsão de vida*, que deixado à própria sorte, por uma ação interna a esse organismo, o levaria à morte. Na direção oposta à da sexualidade, *não tem vocação à saída para os objetos do mundo e sequer se representa*. É assim que acaba afirmando em dado momento que é a vida que atrapalha a morte, e não o inverso, como se costuma pensar. E, isto porque:

A possibilidade de investimento de energia fora do próprio organismo, de enlaçar objetos e de se representar, de fantasiar, esse enlace, faz da pulsão de vida (segunda teoria das pulsões que opõe pulsão de vida e pulsão de morte), uma tensão constante a impedir a realização de um caminho automático para a morte, pelo princípio da inércia.

Assim pensado o jogo das pulsões, faz sentido considerar que o psíquico é da ordem da sexualidade e da vida; a morte não dirige a qualquer formação psicológica. É desse modo que mesmo a repressão, mecanismo (psíquico) aparentemente tão contrário à sexualidade, não se alista entre as ações da morte; isto, por uma única razão: ela supõe o tempo todo o jogo idéia/afeto e, com isto, estamos na ordem do psicológico.

Como Freud resolve o impasse? Afirmando, como o fizera na primeira teoria, que as pulsões se exercem sempre como uma mescla e não isoladamente. Isto quer dizer que sempre que a pulsão de vida é investida, carrega consigo um tanto de pulsão de morte; o que se mostra na ação que satisfaz a pulsão (agora, desejo) é o sadismo (entendido na primeira teoria como uma pulsão parcial, agressiva, que se desviaria da corrente principal, para se desenvolver com relativa independência). Seu correlato, o masoquismo, é referido ao que, apesar de enlaçado à vida, permanece no sujeito (FREUD, 1924/1976). Pela última teoria, portanto, o sadismo e o masoquismo, resultam da mescla e não da satisfação isolada da sexualidade ou da “morte nossa de cada dia”.

[...]

O sujeito psicanalítico, aquele que o discurso teórico da psicanálise formula, é o da mescla das pulsões de vida e de morte que, no limite da autodestruição, se salva pela capacidade de amar e se ligar aos objetos, seja qual for a qualidade dessa ligação.

É assim que Freud marca o traçado da morte na vida psíquica. E, uma vez mais, o criador sustenta, no discurso da teoria e da metapsicologia bem como no exercício argumentativo de coerência interna ímpar, sua criatura. Mesmo que, ao final do minado texto Além do Princípio do Prazer (FREUD, 1920/1976), tenha afirmado que o que escrevera não passava de especulações, como não passa

de especulações, a metapsicologia. E seu discurso retoma sua preciosa indeterminação... (Guirado, 2010/2018, pp. 92-93)

Derivações da concepção do inconsciente como representante da pulsão

Voltemos ao caminho dos modos como Freud conceitua o inconsciente.

Pela teoria sobre pulsão e representação, como vimos, o inconsciente se constitui como o conjunto de representantes da pulsão, agrupadas em sua primeira teoria, como pulsão sexual e as de autoconservação. Pode-se pensar que, por decorrência lógica, trata-se de uma proposição, sob o crivo de conteúdos e não de modos de funcionamento.

Nesse sentido, em outras ocasiões, antes da segunda tópica do aparelho psíquico, é notória a relação que faz entre o *inconsciente* e o *reprimido ou recalado*. Sempre com considerações devidas a um outro termo forte da psicanálise que é o de *protofantasias*: estruturas fantasmáticas que organizam, que informam, as experiências sexuais infantis; são esquemas pré-individuais, universais, um patrimônio filogenético. São quatro esses quadros de representações que, em princípio, contêm a expressão livre das pulsões, sejam quais forem as experiências pessoais: vida intrauterina, cena originária, castração e sedução.

Mais uma aproximação a essa concepção sob o crivo do conteúdo: o inconsciente como o infantil, clivado do subconsciente, por ação do recalque.

Narcisismo: uma terceira teoria das pulsões

Apesar de a teoria sobre o narcisismo não ser apresentada pelos comentadores de Freud – e mesmo por ele, o foi uma vez apenas, no *Mal-Estar na Civilização*, em 1930) como uma teoria das pulsões, neste capítulo do livro,

o propósito é resgatá-la como tal e demonstrar seu valor heurístico, por várias razões. Sobretudo por colocar uma vinculação muito especial entre Pulsão e Relação.

- Freud escreve, em 1914, um texto chamado *Introdução ao Narcisismo*, em que forja uma interlocução com Jung e Adler, discípulos e dissidentes que, àquela altura, pretendiam que ele revisse sua teoria sobre os superpoderes da libido como energia sexual, atribuindo-lhe um caráter de interesse geral pelas coisas e pelo mundo.
- Freud reluta, diz “não!” e procede a uma alteração, que nos parece de peso: fala da importância de se considerarem os deslocamentos da libido, para dentro ou para fora do ego, como libido de ego e libido do objeto, postulando ainda um narcisismo primário (primeira versão de libido do ego), libido originariamente investindo, de dentro, o próprio ego que, nesse momento da teoria é equivalente ao *self*, a totalidade psíquica.
- É esse narcisismo primário a condição de qualquer relação que venhamos a estabelecer na vida, uma vez que é por ele que nos estendemos no meio e atingimos o outro, aquele que poderá se constituir mais tarde o objeto da libido. Por essa extensão em princípio indiscriminada, mas que vai procedendo a distinções, constituímos o mundo e nossa experiência nele, com todos os efeitos de retroversão para o interior do eu (narcisismo secundário, outra versão da libido do ego).
- Assim, Freud inverte o sentido corrente do termo narcisismo (amor a si próprio) e, mais importante, inverte o crivo para definir sua teoria das pulsões: não importa a “natureza” da libido, se ela é sexual ou interesse geral (não creio que Freud chegasse a tal desprendimento... mas, no mínimo, suspende a questão da natureza/qualidade da energia da pulsão sexual); o que importa é a direção que ela toma. O narcisismo como teoria das pulsões acaba sendo um modo de explicação da relação com o mundo.
- Não bastasse isso, decorre desses deslocamentos a produção de uma imagem idealizada de si, que funciona como um controle interno das possibilidades de ser do ego real. Aí, a explicação pelo narcisismo da

ação crítica do superego que só foi teorizada (e como “instância”, não propriamente como mecanismo, como modo de funcionamento), 9 anos mais tarde.

Prossigamos no próximo item com a proposta de apresentar alternativas para tratar do tema, sempre em Freud, para além da divisão “primeira e segunda” teorias das pulsões.

O estranho e o bloco mágico: da função despida de sentidos aos registros modificáveis da e na história de vida

Pode parecer um vai e vem sem fim este capítulo sobre inconsciente e pulsão. Mas, o recorte que fizemos, para trabalhar uma psicologia do desenvolvimento na perspectiva freudiana, exige-nos estabelecer relações entre termos do discurso dessa psicanálise e não, propriamente, uma exploração cronológica. Valem muito as implicações entre esses termos para a construção de dispositivo teórico, numa obra assim tão extensa e intensa. Como exemplo, temos o título deste item: vai do inconsciente como função pura e sem sentido, reversão de tudo que dissemos até aqui, àquele que se pode dizer ser uma organização de todos os sentidos que construímos na vida. E mais, os dois têm intervalo de cinco anos entre eles. A ruptura que representa *O Estranho* de 1919 (Freud, 1919/1976), parece recoberta em *O Bloco Mágico* (Freud, 1925/1976), de 1925. No entanto, deve-se destacar que a escritura do primeiro se dá no contexto do pensamento que vai trazer a hipótese da pulsão de morte (1920) e prepara-lhe o terreno. Pensar os registros do Bloco Mágico, por sua vez, traz as possibilidades de relação *da consciência* e da percepção, com a memória inconsciente, de um modo muito particular, fazendo-nos retomar e reorganizar a primeira tópica do aparelho psíquico em outras bases. E mesmo que a segunda (ego, id e superego) tenha sido escrita um ano antes, ela parece aqui ceder lugar para uma teoria que não substancializa, pelo contrário, flexibiliza o modo de funcionamento subjetivo, da percepção ao inconsciente.

Acima de tudo, confluem os dois textos, para dar contornos à descoberta (ou, à invenção) fundamental da psicanálise, o inconsciente.

Tornemos essa explanação mais clara. Já sabendo que ela anda no tempo e no contexto da produção freudiana.

De que trata *O Estranho*?

Trata do inconsciente para além da repressão, sem abandonar de todo a hipótese do reprimido ligado à castração, e discutindo, ao mesmo tempo, a possibilidade de vivenciarmos experiências como sensações que não se nomeiam e que provocam um efeito de desentendimento, descontextualização, estranhamento. Exemplar desse efeito se observa quando repetidas vezes, apesar de nossos esforços conscientes, nos flagramos voltando para um mesmo lugar, ou então, quando, num relance, não nos reconhecemos diante de um espelho. Cita-se em condições semelhantes em vários episódios de sua vida, voltando, distraído e involuntariamente a uma rua, onde uma mulher se punha à janela de sua casa; ou, voltando para sua cabine de trem, em viagem, depara-se com a presença de um senhor um tanto antipático, em pé diante dele; por segundos, viu-se no espelho da cabine, como se fosse outra pessoa, como se fosse um estranho. Numa primeira explicação, temos no que se repete o retorno do reprimido. Mas, apoiado na ideia que o termo estranho tem significado etimológico ambíguo que migra para o sentido oposto que é o de familiar, Freud percorre outro caminho para falar dessa sensação *não alcançada pela palavra*. Trata o estranho como o outro de si, como um duplo que, de início, pela ação *do narcisismo, foi nossa garantia de vida*; no entanto, com o tempo e os embates com o mundo e com o si, o duplo passa a ser o estranho anunciador da morte; fora do campo do representável, portanto; efeito da compulsão à repetição. Um inconsciente-efeito.

Toda essa trama teórica é apresentada como a organização psíquica que um conto de E. T. A. Hoffmann, o *Homem de Areia*, demonstraria como processos que acontecem com todos nós. Um belo e intrigante conto que é ocasião de um passo fundamental da psicanálise, rumo ao irrepresentável. Um texto de difícil leitura, mas que vale a pena conhecer. Freud dá em seu texto uma satisfação do drama do personagem de Hoffmann, ilustrando com

isso, não propriamente o inconsciente do autor, mas sua capacidade de colocar em discurso literário a teoria psicanalítica. Pode?

E o *Bloco Mágico*?

Ah, esse... é a analogia mais que perfeita que existe para falar do inconsciente freudiano. Em seis páginas, nosso autor, de próprio punho e pena, coloca-o no centro estratégico que nos faz pensar porque ele pensa assim e não de outro modo a construção de uma memória de que não se tem consciência, mas que determina a vida psíquica. *Não de forma linear*, mas em rede e com a possibilidade de atualização constante; que responde pela transferência para além do que foi inicialmente teorizada; que responde pelo desenvolvimento afetivo e psicosexual; pelas conquistas e pelos desatinos. Tudo se articula e se encaixa no modelo freudiano e no conceito de inconsciente de Freud!

A densidade do assunto deste capítulo e as dificuldades desta autora na sua escritura exigem que o leitor, se for de seu interesse, se aprofunde nos textos de Freud já citados para que os assinalamentos aqui feitos ganhem mais sentido.

